

Turismo

Com apoio do Sebrae, grupo de empreendedores locais cria uma rota pela Ilha do Combu, distante 15 minutos de Belém, que inclui gastronomia, artesanato e uma verdadeira aula sobre a Amazônia

POR GABRIELLA BRAZ

Do barco, várias palafitas se estendem e completam a paisagem que só seria possível em meio ao bioma amazônico. Estamos na Ilha do Combu, apenas 15 minutos de Belém, tempo suficiente para transformar a passagem urbana em uma experiência sensorial. O horizonte, o farfalhar da água enquanto o transporte se movimenta pelo igarapé, a sensação dos rios voadores da Amazônia na pele.

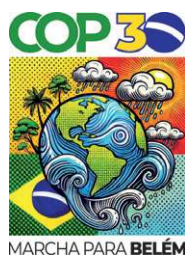
Igarapé, do tupi, significa “caminho de canoas”, são canais estreitos afluentes dos rios. Na Ilha do Combu, cercada pelo Rio Guamá, os igarapés de Combu e de Piriquitaquara compõem o percurso contemplativo, é uma das rotas turísticas da capital da COP30 que mistura sustentabilidade, cultura, arte e muitos sabores.

A Rota Combu é uma iniciativa de empreendedores locais com o Sebrae Nacional, em parceria com o Sebrae Pará, que busca fomentar o ecoturismo ribeirinho. Ao longo da ilha, 14 empreendimentos locais fazem parte do projeto e são identificados por um banner na fachada.

A ideia, explica o CEO da Vida Caboca, uma das agências de turismo que comercializam o itinerário, Mário César Carvalho, é fazer com que o Combu deixe de ser um local de “bate-volta” para quem está em Belém e se torne uma experiência imersiva. Para isso, o empresário e professor de administração explica que é necessário fortalecer os empreendimentos da região, com roteiros estruturados, guias e uma rede hoteleira.

“A gente quer melhorar para atender a todos os tipos de visitantes”, explica. Morador de Belém, Mário tem uma relação de afeto e memória com a ilha, a qual frequenta desde criança. O avô dele foi um dos fundadores do restaurante Saldosa Maloca, primeiro restaurante do local, que hoje também integra a Rota.

Para ele, a Rota é o início de uma grande jornada para os ribeirinhos, que já começou a dar frutos com maior oferta de empregos na região. “Esse trajeto é uma forma de mostrar que a floresta em pé é fundamental, mas ela não representa tudo”, explica. “Só a floresta manejada é capaz de gerar a melhor qualidade de vida para a população local.”



Palafitas no Igarapé do Combu

Um passeio pelo igarapé